



BCP/BPI: Na recta final ?

Ao autorizar que o BCP adicione a totalidade (ou quase) da quota de mercado do BPI à sua, a AdC vem permitir que um possível – mas ainda não provável – BCP/BPI beneficie de todas as sinergias que resultam da fusão dos dois bancos

23-03-2007, João Caiado Guerreiro

A Autoridade da Concorrência decidiu autorizar a compra do BPI pelo BCP. A Oferta Pública de Aquisição do BCP sobre o BPI vai pois prosseguir com o registo da mesma junto da CMVM. Nos próximos tempos se verá se o BCP vai ou não subir o preço. Mas depois de Berardo, um dos maiores accionistas do BCP, vir dizer que o banco pode subir o preço, tudo indica que será esse o caso. Dificilmente um accionista tão significativo do BCP falaria sobre uma questão tão importante como o preço numa entrevista sem o beneplácito da administração do BCP.

A decisão da Autoridade da Concorrência (“AdC”) é favorável aos accionistas do BPI e do BCP, da mesma forma que já o tinha sido a tomada no âmbito da OPA da Sonae sobre a PT. Ou seja, ao autorizar a concentração do BCP e do BPI, quer dizer, ao autorizar que o BCP adicione a totalidade (ou quase) da quota de mercado do BPI à sua, a AdC vem permitir que um possível – mas ainda não provável – BCP/BPI beneficie de todas as sinergias que resultam da fusão dos dois bancos, permitindo, ao menos em teoria, ao BCP pagar pelo BPI mais que o que pagaria outro comprador que não tenha uma quota de mercado relevante em Portugal.

As decisões recentes da AdC no caso Sonae/PT com a autorização da fusão Optimus/ TMN e no caso BCP/BPI parecem indicar que a concorrência não é o principal valor que a AdC visa proteger. Em ambos os casos a AdC parece dizer que é mais importante a criação de um campeão nacional que a defesa dos consumidores. A decisão no caso BCP/BPI é aliás paradigmática. Os remédios impostos parecem ter mais que ver com a AdC autojustificar a sua existência e abrir caminho para futuras decisões, que com a própria operação em si. Na verdade, os remédios resumem-se á venda de 60 balcões de um total de cerca de 600 a adquirir; venda de uma carteira de clientes empresa no valor de 450 milhões de euros e ainda nalgumas medidas de mobilidade dos clientes empresa. Tudo muito pouco se pensarmos que os cinco grandes bancos que dominam o mercado português CGD, BES, Santander, BCP e BPI vão passar a ser apenas quatro. Se a situação já era oligopolista em muitos mercados passa agora a ser um oligopólio de apenas quatro players onde, naturalmente, as oportunidades para a colusão e cartelização crescem. Trata-se, de mais uma decisão da AdC onde se percebe facilmente o que ganham os accionistas das empresas mas não o que ganham os consumidores.

Quanto ao futuro da OPA é difícil, se não impossível, fazer previsões. Até agora o núcleo duro do BPI tem mostrado solidez: Itaú, Allianz e La Caixa não mostram vontade de vender. E parecem convictos do que dizem. Para os fazer mudar de opinião o BCP vai ter de pagar mais. Tudo tem um preço, mas o preço do La Caixa pode ser muito elevado. Mais elevado que o que Teixeira



Pinto esteja disposto a dar. A ver vamos. Até aqui as administrações dos dois bancos e em particular os seus CEO's têm feito um bom trabalho: o BCP mantém a pressão e o BPI conseguiu passar a imagem de que vale bastante mais que o preço que está na mesa.

Também na Europa o sector bancário está ao rubro, com o ABN Amro – capitalização bolsista de 56 mil milhões de euros – em conversações para ser adquirido pelo Barclays, com outros predadores a circular em volta. A fusão do ABN com o Barclays, a acontecer, criaria um dos maiores bancos do mundo. E demonstraria, se alguma dúvida restasse, que hoje, quase qualquer empresa, por maior que seja, pode ser alvo de uma aquisição.

Este ponto é importante para Portugal: ao optar, nestas mais recentes decisões, pela lógica de permitir a criação de campeões nacionais, a AdC não está, necessariamente, a defender o sempre tão propalado interesse nacional. A dimensão de um eventual BCP/BPI ou mesmo de uma absurda fusão que envolvesse todos os bancos nacionais, não criaria um campeão à prova de OPA hostil de um predador estrangeiro.